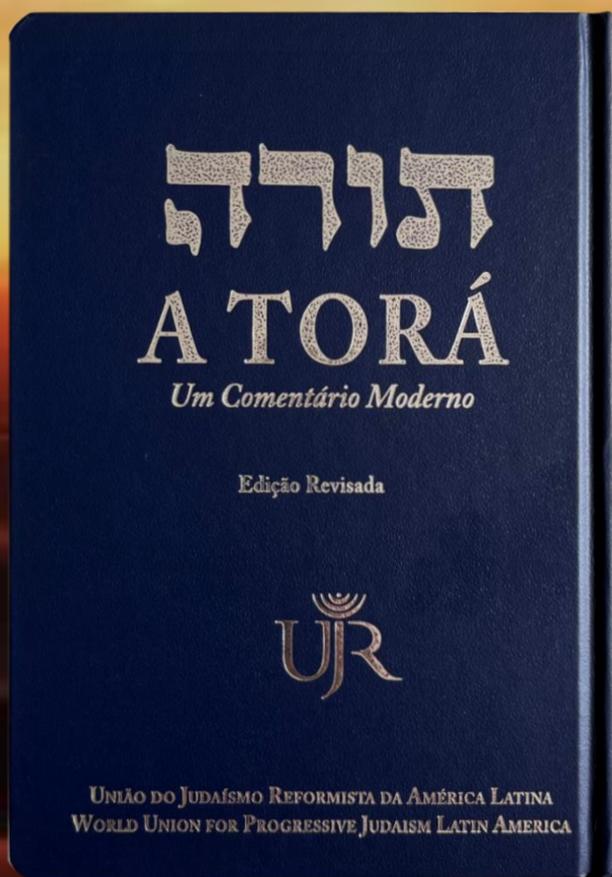


*Experimente o livro
para a vida toda*



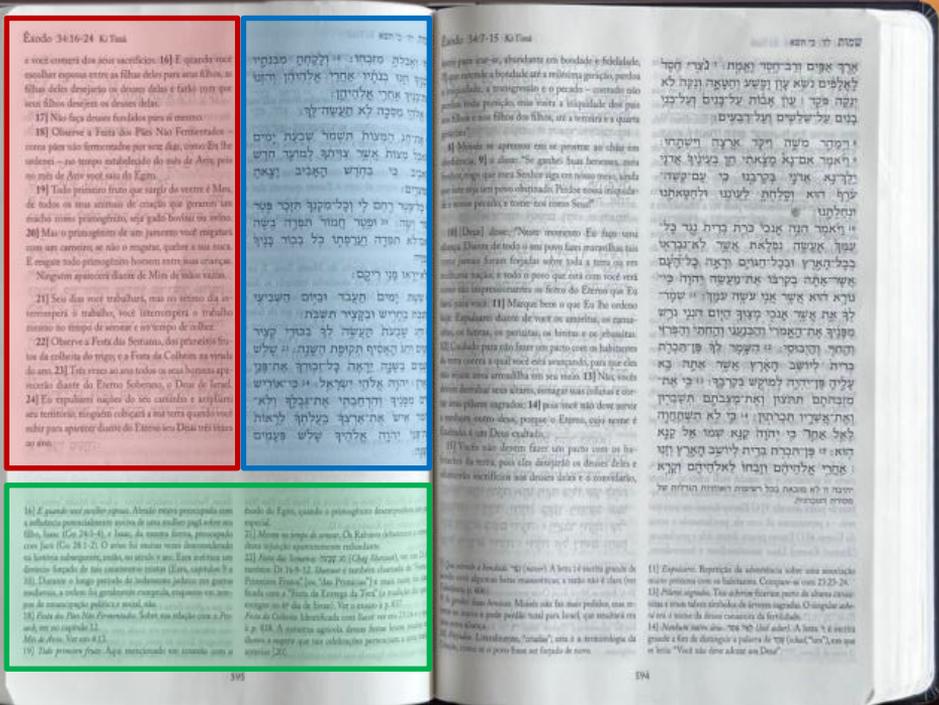
Esta é uma pequena amostra das
1.680 páginas com acabamento
premium em capa dura



**Clique para viajar pelo Plaut
no YouTube, com videos que
complementam esse eBook**

- [!\[\]\(95b42f0077faf7439a26242a54e021ec_img.jpg\) Introdução](#)
- [!\[\]\(e097ab4c08b8186dd0908330bbc2dc28_img.jpg\) A Tradução](#)
- [!\[\]\(1e9d865c5de095f8e3304757c49e79d7_img.jpg\) Os Ensaio](#)
- [!\[\]\(735b10d724a5f0ec5005c4eb3eb9c9d1_img.jpg\) A Coletânea](#)
- [!\[\]\(e6250f05bc27fa93236b816562b699f9_img.jpg\) A Estrutura](#)

O Plaut contém o texto completo dos 5 livros da Torá em hebraico e em português: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.



A tradução foi feita em linguagem fluida e respeitosa, com muitas notas de tradução que ampliam o significado das nuances do hebraico na época da Torá.

- Bíblia em hebraico
- Bíblia em português
- Notas sobre a tradução

1:1] Quando Deus estava para criar o céu e a terra, 2] a terra era um caos, amorfa; e sobre a face caótica das águas, havia escuridão. Então o espírito de Deus deslizou sobre a face das águas, 3] e Deus disse: "Haja luz!" – e houve luz. 4] E quando Deus viu quão boa era a luz, Deus separou a luz da escuridão. 5] Deus, então, chamou à luz Dia e à escuridão Noite; e houve tarde e houve manhã, primeiro dia.

6] Então Deus disse: "Haja uma expansão em meio às águas, e que ela separe águas de águas!". 7] E Deus fez a expansão, que separava as águas abaixo da expansão das águas acima da expansão – e assim foi. 8] Deus então chamou à expansão Céu. E houve tarde e houve manhã, segundo dia.

9] Então Deus disse: "Que as águas abaixo do Céu sejam reunidas em um só lugar, para que o chão seco possa ser visto!" – e assim foi. 10] E Deus chamou o chão seco de Terra e à reunião de águas de Mares. Quando Deus viu quão bom era isso, 11] Deus disse: "Que da terra se faça crescer a vegetação, plantas com sementes, árvores frutíferas que deem frutos sobre a terra, cada uma conforme sua espécie, com suas sementes neles!" – e assim foi. 12] Da terra germinou a vegetação, plantas com sementes, cada uma conforme sua espécie, e árvores que davam frutos, cada uma conforme sua espécie, com suas sementes neles.

א וְאֵת הָאָרֶץ תְּהִי־עוֹרָה וְהָאֵלֶּיִם אֶת־הַשָּׁמַיִם וְהַיָּם עַל־פְּנֵי תְהוֹמוֹת הַיָּם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמַּיִם: 2 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי־אוֹר: 3 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים בְּרֵאשִׁית לְמַעַן יִבְרָא אֱלֹהִים בֵּין הָאֵר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ: 4 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְאֹר יוֹם וּלְחֹשֶׁךְ לַיְלָה וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי רַקִּיעַ בְּתוֹךְ הַמַּיִם וַיְהִי מְבֹרֵל בֵּין מַיִם לְמַיִם: 7 וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־הַרְקִיעַ בְּבִרְאֵת הַמַּיִם אֲשֶׁר מִמַּתַּחַת לְרַקִּיעַ יְהִי־יָבֵן: 8 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְרַקִּיעַ שָׁמַיִם וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שֵׁנִי: 9 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִקְוּ הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם לְעֵשֶׂב וְלְקֹחַם אֶרֶץ וְתִרְאֶה הַצִּבְעָה בְּיַד־יָבֵן: 10 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לַצִּבְעָה אֶרֶץ וּלְמִקְוֵה הַמַּיִם קְרָא בְּמֵי־יָבֵן וַיִּבְרָא אֱלֹהִים סְפִרְיָב: 11 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תִּשְׂאֵה הָאָרֶץ דֶּשֶׁא עֵשֶׂב מְזִרְעֵ וְרֵעַ עֵץ פְּרִי עֵשֶׂה פֶרֶל לְמִינֵהוּ אֲשֶׁר וְרֵעֵבֻהוּ עַל־הָאָרֶץ בְּיַד־יָבֵן: 12 וַתִּבְרָא אֶרֶץ דֶּשֶׁא עֵשֶׂב מְזִרְעֵ וְרֵעַ לְמִינֵהוּ וְעֵץ עֵשֶׂה־פְרִי אֲשֶׁר וְרֵעֵבֻהוּ

1:1] CRIAÇÃO (Ver Ensaíos, p. 34-36; Coletânea, p. 43-45).

1-2] Quando Deus estava para criar. בְּרֵאשִׁית בְּרֵאשִׁית (berešit berá elohím); outras traduções apresentam-se como: "No início Deus criou". Nossa tradução segue Rashi, que disse que, se o objetivo principal fosse ensinar a ordem na qual a criação se deu, a primeira palavra deveria ter sido escrita בְּרֵאשִׁית (beréšit, no início). Estudiosos posteriores utilizaram a tradução "No início" como prova de que Deus criou a partir do nada (do latim ex nihilo), mas não parece que o autor bíblico estivesse preocupado com a questão da origem da matéria [1]. Sobre a criação à luz da ciência, ver p. 6.

2] A face caótica das águas. A tradução se inclina para a assonância

entre עוֹרָה (tohá, caos) e תְּהוֹמוֹת (tehom). Outros tradutores trazem oֹרָה como "profunda". Aqui, assim como em outras tradições antigas, é dada à água a prioridade na existência.

O espírito de Deus. No sentido de poder. רִיחַ (ruach) também pode significar vento [2], o que traria um paralelo com os textos bíblicos [3].

3] Deus disse. No sentido de dirigindo-se ao Universo. Note o ritmo dos atos de Deus: falando, vendo, separando, chamando.

6] Expansão. רַקִּיעַ (rakia), um plano definido, bem forjado. De acordo com as crenças antigas, esse plano segurava as estrelas e estabelecia o limite além do qual habitava o Divino.

Esse comentário é um exemplo de como o **Plaut** se diferencia por explicar o texto com profundidade. Ela compara traduções, esclarece o hebraico original e traz interpretações históricas e culturais. Isso enriquece a compreensão do leitor de uma forma única.



Click para assistir o vídeo sobre a tradução

viu quão bom era isso. 26] Agora Deus disse: "Façamos os seres humanos à nossa imagem conforme a nossa semelhança; que eles dominem sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, sobre as feras, sobre toda a terra, e sobre tudo que rasteja sobre a terra". 27] Então Deus criou os seres humanos à imagem [divina], criando-os à imagem de Deus, criando-os macho e fêmea. 28] Deus então os abençoou e Deus disse: "Frutifiquem e se multipliquem; encham a terra e a subjuguem; dominem os peixes do mar e as aves do céu, e toda criatura que rasteja sobre a terra". 29] E Deus disse: "Vejam, Eu dei a vocês todas as plantas com sementes sobre a face da terra, e todas as árvores de frutos que contêm sementes – são suas para vocês comerem. 30] E para todo animal terrestre, para toda ave do céu, e para toda criatura que rasteja sobre a terra na qual está o sopro da vida, Eu [deu] todas as plantas verdes por alimento" – e



וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ
 כְּדִמוֹתֵנוּ וְיִרְדּוּ בְרֵגֶת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם
 וּבַבְּהֵמָה וּבְכָל-הָאָרֶץ וּבְכָל-הַרְמֵשׁ הָרֹמֵשׁ
 עַל-הָאָרֶץ: 27 וַיְבְרָא אֱלֹהִים אֶת-הָאָדָם
 בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אוֹתוֹ זָכָר
 וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם: 28 וַיְבָרֶךְ אֹתָם אֱלֹהִים
 וַיֹּאמֶר לָהֶם אֱלֹהִים פְּרוּ וּרְבוּ וּמְלֵאוּ אֶת-
 הָאָרֶץ וּבְשָׂתָהּ וּרְדוּ בְרֵגֶת הַיָּם וּבְעוֹף
 הַשָּׁמַיִם וּבְכָל-חַיַּה הָרֹמֵשׁת עַל-הָאָרֶץ:
 29 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים הִנֵּה נֹתְתִי לָכֶם אֶת-כָּל-
 עֵשֶׂב וָזֶרַע וְזֶרַע אֲשֶׁר עַל-פְּנֵי כָל-הָאָרֶץ
 וְאֶת-כָּל-הָעֵץ אֲשֶׁר-בּוֹ פְרִיעֵץ וְזֶרַע וְכֹל
 לָכֶם יִהְיֶה לְאֹכְלָהּ: 30 וְלִכָּל-חַיַּת הָאָרֶץ
 וְלִכָּל-עוֹף הַשָּׁמַיִם וְלִכָּל הָרוֹמֵשׁ עַל-הָאָרֶץ
 אֲשֶׁר-בּוֹ נֶפֶשׁ חַיָּה אֶת-כָּל-יִרְקַע עֵשֶׂב

26] *Façamos.* A tradição compreendeu o plural de várias maneiras: como Deus falando em voz alta para ninguém em particular (como Rashi), ou se dirigindo às hostes angelicais [5] (a ideia de um tribunal celestial é encontrada em outro lugar na Bíblia; ver, por exemplo, Is 6:8; Jô 38:7). Saadia trata o "nós" como um plural majestático, aplicado na Bíblia para algumas personalidades de distinção (por exemplo, Nm 20:3; Jr 13:15) [6], enquanto Nachmanides o explica da seguinte forma: o ser humano foi formado a partir de matéria física (como todas as demais criaturas), mas também tinha uma alma (como nenhuma outra criatura). "Façamos", portanto, deve ser entendido como se Deus estivesse se dirigindo à terra nesse exclusivo processo cooperativo de criação.

O plural divino é empregado também em muitas outras passagens bíblicas, como a expulsão dos humanos do Éden e sua dispersão após haverem construído a Torre de Babel (Gn 3:22 e 11:7). Um estudo contemporâneo das frases no plural ligadas a Deus as vê como expansão da singularidade divina: ela contém ambos, o um e o múltiplo (ver também "Criado único", p. 43). De certa forma, todas essas explicações funcionam e falham, pois destacam a nossa incapacidade para conceituar Deus, assim como não podemos – no âmbito físico – conceituar o infinito ou o que "existiu" antes de o mundo começar.

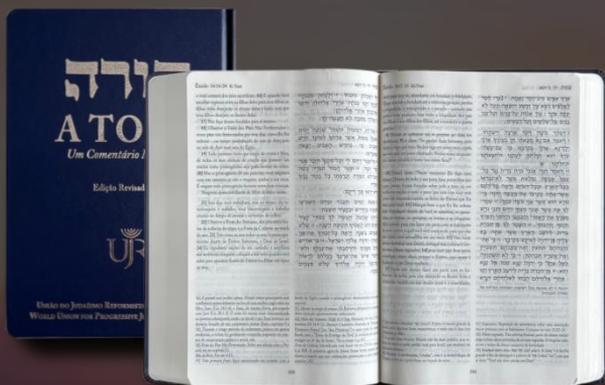
27] *Macho e fêmea.* Mas em Gn 2, a mulher é descrita sendo formada do homem! A tradição resolveu o problema de muitas maneiras: postulando que Deus criou primeiro um hermafrodita que então foi dividido em dois gêneros distintos; ou que ambos os sexos foram criados no primeiro dia, mas o "como" é descrito no capítulo seguinte [7]. Os místicos medievais especularam que o aspecto "homem-e-mulher" se manteve em todos os homens (ver "Façamos os seres humanos", p. 43). Muitos estudiosos modernos atribuem o capítulo 1 a uma tradição e o capítulo 2 a outra. Como em outros lugares na Torá, ambas foram preservadas e colocadas lado a lado.

28] *Frutifiquem e se multipliquem.* Uma bênção repetida do versículo 22. A tradição judaica considera que este é o primeiro dos 613 mandamentos da Torá. A *halachá* daí derivada estabelece o dever da humanidade de se casar e ter filhos [8]. Extensas passagens do Talmud e dos códigos lidam com a questão de se esta obrigação recai apenas sobre o homem ou, também, sobre a mulher. A opinião predominante favorece a responsabilidade exclusiva do homem (incorrendo na idade de dezoito anos, enquanto todos os demais mandamentos são obrigatórios aos treze).

30] *Vegetação por alimentos.* Segundo o esquema bíblico, humanos e animais tornaram-se carnívoros somente depois do Dilúvio

Essa página traz um dos trechos mais conhecidos da Torá: a criação do ser humano à imagem de Deus. O texto bíblico menciona que a humanidade deve "dominar" a terra e os animais. Nos comentários de Plaut, há explicações sobre o significado desse "domínio", destacando que, segundo algumas tradições, isso envolve responsabilidade e não exploração. Outro ponto interessante é a explicação sobre a alimentação original dos humanos, que era vegetariana, mudando apenas após o dilúvio.

Plaut: um livro para a vida toda



Ensaaios

*Análises aprofundadas
sobre os temas da Torá*

Torá é o nome dos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio

ISRAEL NO EGITO (1:1-22)

A ausência de Deus

O tema da grandeza de Deus permeia o Livro de Êxodo, como manifestada no orientar e cuidar do povo de Israel. Porém, o capítulo de abertura começa com o que pode ser chamado de uma nota laica. Aqui, a história da opressão é contada de uma forma naturalista, em que nem o aumento da população de Israel nem a consequente escravização são expressamente conectados à vontade de Deus. Não estava o povo ciente da Divindade? Não clamaram a Deus? O texto diz apenas que seus clamores "chegaram até Deus" (2:23); claramente, eles não se dirigiram ao Deus de seus pais diretamente. Como se para enfatizá-lo, a primeira menção a Deus diz respeito às parteiras tementes que salvaram as crianças israelitas. Até que Moisés lhes traga a promessa de Deus, até que ele lhes fale da presença redentora de *יְהוָה*, não começou – ou reconheceu – a relação à qual o Livro de Êxodo e a maior parte da história judaica subsequente são dedicados. O povo oprimido indubitavelmente sabia de um Deus a quem seus ancestrais cultuaram. Eles podem ter conhecido o nome divino, mas aparentemente eles não consideravam Deus capaz de acabar com sua aflição.¹

A razão de Deus os deixar ser escravizados não é indicada, nem a Torá trata do tema da ausência de Deus da história de Israel por um período de quatrocentos anos, sugerindo, por seu silêncio, que esse era o misterioso designio de Deus. O autor não o explora mais tarde; como o mundo antes da criação, é parte do inexplicável. O as-

pecto humano da opressão é contado, mas brevemente; o aspecto divino da redenção será o tema elaborado do que se segue. O Êxodo coloca claramente sua ênfase neste último. O capítulo de abertura define o cenário, não para uma luta humana entre Egito e Israel, mas para um confronto entre o "divino" governante do Egito e o divino protetor e salvador de Israel. O povo de Israel pode não conhecer seu Deus agora; mas eles adquirirão essa consciência conforme o drama da salvação se desenrola.

Escravidão no Egito

Na tradição bíblica, a escravização dos descendentes de Israel no Egito marca o ponto mais baixo de sua existência. Mas, no momento de serem libertados e seus opressores castigados no Mar dos Juncos, parecia não ter sido a instituição da escravidão como tal que constituiu o pecado dos egípcios, mas sim a maneira implacável como ela foi imposta. Duas vezes nos é dito que a opressão era impiedosa; a vida era amarga para os israelitas; e a matança dos meninos hebreus foi o ápice da crueldade dos egípcios, um crime que mais tarde a tradição judaica isolou como o pecado central dos opressores.

Não se deve ficar surpreso com tal ênfase. Pois a prática da escravidão em si era a maneira habitual de lidar com um elemento estrangeiro. Além disso, não só escravos, mas nativos também estavam sujeitos a trabalho forçado (corveia) para a construção de estradas, templos e outras edificações públicas.²

¹ Uma tradição tentou explicar o silêncio divino sugerindo que o próprio fato de que o povo de Israel se esqueceu de Deus levou à sua contínua escravidão. Um *midrash* especula que eles eram realmente pessoas perversas e mereciam sua escravidão [45]. Mas

o texto bíblico não avaliza tal suposição; de fato, a maioria dos *midrashim* enfatiza a fidelidade incessante de Israel.

² No entanto, como André Neher destacou, os egípcios pareciam ter feito distinções entre seu próprio proletariado e os escravos

Aqui temos o exemplo da abordagem do Plaut. A ausência de Deus no início do Êxodo, sugere que o povo precisava reconhecer sua situação antes de clamar por ajuda. Além disso, traz uma visão histórica diferenciada, apontando que os israelitas trabalharam mais em projetos de infraestrutura do que na construção de pirâmides.

O que a Torá enfatiza é que o Faraó chegou a extremos e aparentemente, de algum modo, começou a sentir medo dos hebreus. Posteriormente, suas relações com eles assumiram um viés irracional; embora ele quisesse o resultado da sua produção, ao mesmo tempo tornou difícil obtê-la e até tentou reduzir sua força de trabalho. Provavelmen-

te, não foi a primeira vez que os escravos receberam esse tipo de tratamento, e com certeza não foi a última. De muitas maneiras, a irracionalidade da opressão nazista se assemelhava nesse aspecto à crueldade faraônica, embora, em outros aspectos, a excedesse em muito (sobre a atitude bíblica com a escravidão, ver p. 527).

MOISÉS (2:1-25)

Notas literárias

O capítulo está dividido em três partes: a infância e juventude de Moisés (versículos 1-10), sua vida adulta (11-22) e uma ligação literária final (23-25) conectando o prólogo com a história da redenção que começa no cap. 3 [47].

Infância e vida adulta revelam características paralelas. Em cada período uma criança recebe um nome significativo (Moisés, Guershom); a palavra *ieled* (criança) aparece sete vezes no primeiro segmento, e a palavra *ib* (homem), sete vezes no segundo. O hebraico destaca a aliteração e a repetição; nos versículos 24 e 25, a sucessão em *staccato*, "Deus ouviu", "Deus recordou", "Deus olhou", "Deus percebeu" foi comparada ao badalar de um sino [48].

Os sinos dobram pelas coisas por vir. O final vago e sugestivo é perfeitamente adequado para despertar nos sa expectativa. Mesmo estando inteiramente familiarizados com a história da revelação, nos sentimos, porém, seguros de que a preocupação de Deus com o povo de Israel estava presente todo o tempo.

O caráter de Moisés

Moisés, escreve Elie Wiesel, foi "o mais solitário e mais poderoso herói na história bíblica [...]. Depois dele, nada mais seria igual" [49].

Apesar de as observações sobre o nascimento e o crescimento de Moisés serem breves, elas nos fornecem uma visão sobre a formação de seu caráter. Ele foi criado na corte do Faraó, ainda que, sem dúvida, sua origem humilde fosse conhecida daqueles ao seu redor. Ele próprio sabia de seus verdadeiros pais, e a consciência do seu duplo status devia exercer um grande peso em sua mente. Ser capaz de andar entre os privilegiados enquanto seus parentes serviam como escravos deve ter posto uma grande carga emocional sobre ele. Somado à insegurança de sua própria posição, isso o tornou uma pessoa ao mesmo tempo introspectiva e sensível aos pensamentos e sentimentos dos outros. As bases da receptividade religiosa foram estabelecidas, portanto, em sua juventude.

Quando sai para o mundo, vê a injustiça perpetrada e se sente envolvido de imediato. Sua primeira busca por justiça termina em tragédia: o jovem homem se torna – mesmo que provavelmente por acidente – um assassino. Mais uma vez ele olha para o complexo mundo à sua volta, e mais uma vez se sente desafiado a intervir pelo bem da paz e da justiça. Mas aqueles a quem ajudaria rejeitam sua assistência. Sua posição na corte é agora insustentável, e o jovem príncipe-escravo de repente é um refugiado sem lar.

"Mas essa experiência não o ensina a sabedoria mundana da cautela. Sua paixão por justiça o exila de seu

em regime de corveia. Nether chama a atenção para as imagens da época: "Em seus desenhos há espaços ao redor dos camponeses e trabalhadores que, apesar de seus números, parecem reter um mínimo de individualidade. Por outro lado, as cenas que descre-

em escravidão e trabalho forçado são brutais em sua quantidade. Os seres humanos estão tão agrupados e empilhados uns sobre os outros que aparecem como um único coágulo, assim como seu trabalho, sem qualquer individualidade" [46].

A Torá Plaut traz um olhar literário sobre a infância e juventude de Moisés, destacando paralelos com narrativas antigas e a repetição intencional de palavras para reforçar temas. Além disso, a obra enfatiza o crescimento de Moisés como um dilema de identidade – criado no palácio, mas ligado ao sofrimento do povo hebreu. Essa abordagem destaca o desenvolvimento de Moisés como um líder movido pela justiça e pela conexão com suas origens.

país; e tão logo ele se aproxima de outro lugar de habitação humana – mesmo enquanto está sentado perto do poço fora da cidade, sem um amigo para lhe oferecer abrigo –, ele ouve o grito da justiça ultrajada e imediatamente se apressa em socorro. Desta vez a disputa não é entre hebreus, mas entre pessoas inteiramente desconhecidas para ele; mas isso não faz diferença. O profeta

não faz distinção entre [pessoas], apenas entre certo e errado. Ele ajuda as mulheres fracas contra os pastores que espezinham seus direitos” [50].

Podemos presumir que nos longos anos que passou no exílio, em Midian, Moisés aprofundou ainda mais essas características. Ele tornou-se digno de receber o chamado de Deus, e estava pronto para ouvir e responder.

O CHAMADO (3:1-4:18)

A visão

A revelação de Deus no arbusto é, em termos humanos, uma visão tida por Moisés. Foi dele, e dele só; ele ouve uma voz que sabe ser a voz de Deus. Esta é a base da história, e a mensagem que ouve, o seu cerne. Todas as tentativas de exteriorizar sua experiência têm, portanto, um interesse secundário. Algumas interpretam, por exemplo, que Moisés teria visto certos cristais que se formam em plantas do deserto e, à luz da noite, confundido seu brilho com um fogo misterioso que parecia queimar sem consumir o arbusto. Tal especulação não leva a lugar nenhum; o importante é que Moisés vivenciou tal visão como um chamado divino. Os que negam que Deus pode se dirigir a seres humanos não serão convencidos por nenhuma afirmação em contrário, enquanto os que creem em um Deus que pode ser ouvido por mortais provavelmente irão achar a narrativa uma descrição realista do encontro. As circunstâncias são prodigiosas e misteriosas, e Moisés está assustado.

A autorrevelação divina mostra um Deus que se preocupa com a humanidade e é atraído por ela; que leva em conta nossa fragilidade, mas nos mantém em alta consideração. É um relacionamento baseado no amor divino, dado livremente e, nesse momento, fora de um quadro de obrigações recíprocas.

eficácia da missão em si. Embora Moisés tenha sido categoricamente avisado de que Israel iria ouvir sua mensagem (3:18), ele objeta e diz (4:1): “E se eles não acreditarem em mim e não me escutarem?”. Em contraste com Abraão, que nunca questionou ser pessoalmente escolhido por Deus e nunca procurou compreender a essência divina perguntando o nome de Deus, Moisés é francamente duvidoso; como Jeremias mais tarde, ele resiste ao chamado (veja a haftará para a *sidrá-parashá* Pinchas ou para a *sidrá* Matot, quando se lê Jr 1:6, p.1113), e pouco depois, lamenta ter concordado em segui-lo (5:22). Rashi, portanto, descreve Moisés como alguém de pouca fé, e o Talmud considera sua resposta a Deus como uma razão para não ter tido permissão de entrar na Terra Prometida [51].

Mas a avaliação de Rashi é simples demais. A resistência do profeta à demanda divina é um complexo tecido trançado de fé e dúvida, ansiedade e sentimento de indignidade. A Bíblia não descreve seus heróis como pseudossantos que respondem ao desafio divino sem questionar (a aparente disposição de Abraão de sacrificar seu filho não é necessariamente uma exceção; evidentemente, ele tinha, a essa altura, alcançado uma firme e inabalável fé). Moisés no arbusto está no início de seu conhecimento de Deus, e, apesar de ser tomado de espanto e mesmo de medo, ele mantém o autocontrole e preserva o direito de inicialmente recusar e depois

Outro ponto forte da Torá Plaut é sua ênfase na interpretação simbólica. Em vez de apenas relatar a sarça ardente como um milagre, Plaut sugere um significado mais amplo, refletindo sobre como Deus se revela na incerteza e na dúvida. Ele também conecta Moisés a outros profetas que hesitaram diante de sua missão, mostrando que a luta interna faz parte da experiência espiritual. Ou seja, a Torá Plaut não apenas explica, mas questiona e contextualiza, tornando a leitura mais acessível para quem busca um entendimento mais crítico e contemporâneo do texto bíblico.



Clique para assistir o vídeo sobre os Ensaios

Plaut: um livro para a vida toda



Coletânea

*Coletânea de comentários
de diversas gerações e origens
sobre os temas da Torá*

Torá é o nome dos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio

Veja mais um exemplo de como o Plaut torna a Torá mais reflexiva e acessível a diferentes públicos com a abordagem contextualizada dos três primeiros mandamentos

Itrô

0:1-7

seu des...
vida. Você é judeu. Portanto, viva como um em profundidade e significado, tanto quanto em nome!"

W. G. P. [118]

A palavra eterna

Então o relâmpago e as tempestades desentreadas
Se curvaram sobre o monte em obediência à vontade
Que se move em silêncio. Ele estava próximo
À margem da minha alma, e eu me estendi
À essa vaga borda do espírito onde
Um homem encontra emudecido Deus com ele fala.
Rápido como o salto e despontando uma chama
Ele gravou sua palavra em fogo em minha mente,

Como a sombra de uma folha sobre a folha.

A. K. BLANK [119]

O heaz dat lumbering' thunder
A-roll f'om door to door,
A-cálln' de people home to god,
Dey'll git home btime-by.
O see dat forked lightn'n'
A-jump f'om cloud to cloud,
A-pick'n' up God's chillum,
Dey'll git home btime-by

AMERICAN SPIRITUAL

"Não traduzido pela impossibilidade de reproduzir a sonoridade do texto (n.t.b.)"

O DECÁLOGO: OS TRÊS PRIMEIROS MANDAMENTOS (20:1-7)

O Decálogo ético

Um decálogo ético está em harmonia com todo o caráter do vínculo entre Israel e Deus, que Moisés mediou. IHVH escolheu Israel e o libertou do Egito; Israel, em resposta, se comprometeu com lealdade e obediência a Ele. Esta é a essência da aliança de Israel com Deus. Ela repousa no reconhecimento do que Deus tinha feito e da gratidão a Ele por Sua misericórdia... Havia, assim, uma vertente ética no próprio estabelecimento da religião de Israel através de Moisés, pois a gratidão é essencialmente uma emoção ética... É, portanto, totalmente coerente com as condições da época que as exigências fundamentais da religião estabelecida através de Moisés deveriam ser formuladas em termos éticos, e ainda mais provável que esse avanço fosse dado em tal momento e através de tal homem, do que acontecesse por si só, em um momento desconhecido e de forma desconhecida.

H. H. ROWLEY [120]

O escopo do Decálogo

Os preceitos do Decálogo contêm a própria intenção do legislador que é Deus... Eles não admitem dispensa.

TOMÁS DE AQUINO (SÉCULO XIII) [121]

Nenhum trabalho ou qualquer outra coisa pode ser bom e agradável para Deus, por maior e mais custoso aos olhos do mundo, a menos que esteja de acordo com os Dez Mandamentos.

LUTERO (SÉCULO XVI) [122]

Contém tal riqueza e elevação de doutrina que nunca será totalmente compreendido e esgotado.

P. MELANCHTHON (SÉCULO XVI) [123]

As Dez Palavras são para todos os povos; e elas serão, por todos os séculos, os mandamentos de Deus.

RENAN (SÉCULO XIX) [124]

Todos os profetas receberam suas profecias do Sinal.

MIDRASH [125]

Alef-Bet

Deus criou o mundo com א, a segunda letra do alfabeto hebraico (pois ela começa a palavra de abertura da Torá, אהבה). Quando a primeira letra, א, reclamou, Deus a consolou dizendo: "Vou iniciar o Decálogo com você (א). Pois eu sou Um e você é 'um'".

MIDRASH [126]

Números para místicos

O primeiro versículo em Êxodo 20, como em Gênesis 1, contém sete palavras hebraicas e 28 letras. Assim também as palavras da resposta aramáica na oração de Kadish; assim, aquele que diz essas palavras com devoção é como alguém que participa dos milagres da Criação e do Sinal.

SEGUNDO M. HACHOEN [127]

613 mistvois

[De acordo com a tradição judaica, a Torá contém 613 mandamentos no total, consistindo de 248 normas positivas e 365 negativas. Como os mandamentos devem ser contados para chegar a um total de 613 é, no

501

Visão histórica: relaciona o Decálogo a outras leis da época.
Ênfase ética: apresenta os mandamentos como princípios morais, não apenas regras.
Interpretação plural: inclui análises rabínicas e filosóficas.
Ligação com os 613 mandamentos: expande o entendimento do Decálogo dentro da tradição judaica.



Clique para assistir o vídeo sobre a Coletânea

Plaut: um livro para a vida toda



Introdução

*Textos com explicações
sobre as principais
características da Torá*

Torá é o nome dos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio

Introdução Geral à Torá

W. GUNTHER PLAUT

O Livro

Torá é o termo hebraico usado para os Cinco Livros de Moisés, ou Pentateuco. A Torá é a primeira parte da Bíblia (a expressão "Antigo Testamento" geralmente não é usada pelos judeus, uma vez que implica um "novo" testamento; "Bíblia", como usado neste livro, refere-se, portanto, à Bíblia Hebraica e não inclui o Novo Testamento dos cristãos).

Este comentário parte do pressuposto de que a Torá é um livro que teve a sua origem nos corações e nas mentes do povo judeu.

Muitas pessoas negam esta suposição básica. Elas acreditam que a Torá é "a palavra de Deus", dada por Deus a Moisés (por inspiração direta ou de alguma outra maneira). Alguns concordam que o texto, que vem sendo transmitido de geração em geração, pode ter sido marcado por alguns erros de escribas. Mas o livro como um todo, insistentemente, é a palavra de Deus e não de seres humanos.

Tal ponto de vista ortodoxo ou fundamentalista mantém, portanto, que se o texto diz que "Deus criou", então isto é um fato, pois a palavra de Deus é, por definição, a verdade em si. Ele também sustenta que a Torá, sendo dada por Deus, deve carregar significado em cada palavra, e que nem mesmo uma letra pode ser supérflua. Pode-se não compreender tudo, mas isso é uma falha humana. Se o conhecimento científico moderno parece contradizer a palavra bíblica, então, ou nossa atual ciência irá se descobrir em erro, ou não compreendemos a Bíblia corretamente. Esta foi e é a posição do judaísmo ortodoxo, do cristianismo fundamentalista e da maioria dos comentários do passado.

O comentarista que difere dessa abordagem e segue a premissa da autoria humana e não divina enfrenta duas questões iniciais: (1) Será que Deus tem alguma coisa a ver com a Torá?; (2) Como a Torá difere de qualquer outra literatura significativa do passado?

1) SERÁ QUE DEUS TEM ALGUMA COISA A VER COM A TORÁ? Embora Deus não seja o autor da Torá no sentido fundamentalista, a Torá é um livro sobre a compreensão e a experiência de Deus da humanidade. Esse entendimento tem variado ao longo dos séculos, como o têm as experiências humanas. Posto que a tradição da Torá foi no início repetida de boca em boca, e somente após muitas gerações colocada por escrito, o texto final testemunha ideias divergentes sobre Deus e o povo. Elas se mantêm lado a lado no livro e nos falam das crenças em transformação e em desenvolvimento de nossos ancestrais. Neste sentido, portanto, o livro não é de Deus, mas do povo. Muito embora autores individuais tenham participado em sua composição, o povo do Livro tornou sua a Torá e nela imprimiu o seu caráter.

Alguns parariam por aqui e não iriam adiante; eles tomariam a Torá principalmente como um documento antigo e diriam: esse é o modo como os autores e seus ouvintes viam o mundo.

Este comentário vai mais longe. Acreditamos ser possível afirmar: a Torá é o registro distintivo do antigo Israel de sua busca por Deus. Ela busca registrar o encontro entre o humano e o Divino, os grandes momentos desse encontro. Portanto, o texto é constantemente tocado pela inefável Presença. A tradição da Torá teste-

li

O diferencial da Torá segundo Plaut está na sua abordagem humanizada. Ele não a vê apenas como um texto divino imutável, mas como um livro que reflete a interação contínua entre Deus e o ser humano. A Torá é viva, sujeita a interpretações e reinterpretações ao longo do tempo. Plaut enfatiza que a Torá não é um ditado divino literal, mas um texto que contém a voz de Deus mediada pela experiência humana, tornando-a um guia não só espiritual, mas também moral e histórico.

munha a extraordinária sensibilidade espiritual de um povo. Deus não é o autor do texto, as pessoas são; mas a voz de Deus pode ser ouvida através delas, se escutarmos com as mentes abertas.

Isso é verdade para cada versículo e cada narrativa? Não em nossa opinião. Mas muitas vezes é difícil saber se a voz que fala tem a marca da permanência ou se ressoa as apreensões e incompreensões de uma determinada época. Nossos próprios *insights* não são tão seguros para podermos julgar o passado com um fácil senso de superioridade. Face à tradição única anterior a nós, modéstia e cautela são regras necessárias.

Isso não significa, porém, que abdicamos a todo julgamento, que abordamos a lenda como fato, ou que encontramos os textos que representam Deus em termos antropomórficos. Este comentário não é um pedido de desculpas por, nem um endosso de, cada passagem. Ele municiará os leitores modernos com ferramentas para a compreensão e deixará a escolha a eles. Também é bom saber antecipadamente que, apesar do enorme e imaginativo estudo – arqueológico, linguístico e antropológico, entre outros – que vem sendo dispensado à Torá, ainda teremos muitas vezes de concluir não saber como interpretar uma palavra ou uma passagem ou não compreender seu contexto original.

2] COMO A TORÁ DIFERE DE QUALQUER OUTRA LITERATURA SIGNIFICATIVA DO PASSADO? Para aqueles de nós que veem na Torá a busca de um povo por Deus e o encontro dele com Deus, a resposta é evidente. A busca e o encontro fornecem um registro que, por sua própria natureza, têm algo a dizer sobre os fundamentos da existência humana.

Mas mesmo para aqueles que veem no livro apenas a jornada humana, com todos seus pontos fortes e fraquezas, haverá algo de especial sobre isso. Pois ao longo de dois milênios e meio a Torá tem sido a pedra angular da vida judaica, o ponto de partida da cristandade e o pano de fundo do islã. Como tal, desempenhou e continua a desempenhar um papel importante no mundo. Os ocidentais, especialmente, são o que são em parte por causa deste livro – por causa do que a Torá de fato diz ou

pretende dizer e por causa do que se acreditou ter dito e ou pretendido dizer.

Tal distinção é importante, pois na leitura da Torá se deve manter em mente que aquilo que os autores disseram em seu próprio tempo, aos seus próprios contemporâneos e em seu próprio âmbito intelectual é uma coisa, e aquilo que as gerações posteriores fizeram com esse texto – quer tenham com ele contribuído por comentários ou sermões –, outra. Essa longa tradição de segurar o livro como um prisma, e descobrir nele e através dele um vasto espectro de percepções, torna a Torá diferente de qualquer outra obra. Isso é particularmente verdadeiro para os judeus. Eles não podem conhecer seu passado e a si mesmos sem este livro, pois nele encontrarão a moldura de sua própria existência.

A Torá é importante também por outra razão. Este comentário parte do pressuposto de que – além do significado original e das interpretações feitas ao longo dos séculos – a Torá fala diretamente ao nosso tempo. Naturalmente, nem tudo que era relevante ontem diz respeito a nós hoje, e passagens que tinham pouco ou um mínimo significado no passado agora nos falam com uma voz premente. Por exemplo, a história de Babel foi vista por muitos anos como um conto sobre a arrogância humana; hoje ela nos soa como um aviso sobre os efeitos desumanizadores da vida urbana.

A relevância dessa história, assim como de outras partes da Torá, talvez se encontre nas perguntas mais do que nas respostas: de fato, um dos “atrativos” com temporâneos da Torá são seus finais abertos, quer dizer, ela levanta questões sem fornecer respostas únicas que fechem as portas a futuras indagações. Não há dúvida de que as gerações por vir ouvirão suas palavras de modo diferente mais uma vez, e, assim, a busca de novas respostas prosseguirá indefinidamente. Nosso comentário busca refletir essa qualidade de abertura da Torá. Muitas vezes ela oferecerá opções, e é nossa esperança que muitas perguntas adicionais serão feitas pelos leitores, que serão motivados a procurar suas próprias respostas.

Mas há também uma série de problemas. Alguns surgem desnecessariamente, de uma falha de se ler correta-

A Torá não se limita a narrar eventos históricos, mas busca ensinar valores e estabelecer uma conexão contínua entre o divino e a humanidade. O autor também discute a importância da tradição oral na preservação e compreensão da Torá, enfatizando que seu significado vai além do que está escrito, envolvendo também a interpretação e a transmissão do conhecimento ao longo das gerações.

Introdução Geral à Torá

mente o texto; outros advêm do contraste entre certas asserções antigas e contemporâneas sobre o nosso mundo, e devem ser encarados livremente. O leitor moderno deve compreender com clareza que os autores bíblicos pensaram e escreveram nos termos de seu próprio tempo, e não do nosso. Para nós, a leitura da Bíblia deveria ser uma tentativa de entender isso, e não um exercício encerrado em nossos próprios dogmatismos contemporâneos. Não devemos nos aproximar do texto com preconceções, mas tentar deixá-lo falar conosco a seu próprio modo. Só então será aberta a porta para uma leitura significativa.

Literalidade

Os leitores contemporâneos muitas vezes se confundem por terem sido expostos a um método de interpretação bíblica que compreende o texto em sentido literal. Assim, se o Gênesis diz que Deus criou a mulher da costela do homem, ou conta sobre uma serpente falante, ou que os antigos viviam várias centenas de anos, o literalista interpreta a narrativa como significando exatamente o que as palavras transmitem. Essa abordagem literal se dirige às frases e palavras individuais.

Para além do fato incontestável de que o texto da Torá que hoje utilizamos é meramente uma versão disponível (apesar de ser aquela aceita) – e para além do fato de que a maioria dos literalistas não conhece o original hebraico, baseando suas opiniões em uma tradução em particular (que é em si um tipo de interpretação e, portanto, uma fonte secundária) –¹ o leitor contemporâneo familiarizado com a história e a natureza do texto deve se lembrar que uma compreensão literal da Torá pode levar a equívocos graves.

Mesmo os antigos sábios judeus, que acreditavam ser a Torá um livro divinamente criado, não consideravam seu texto literalmente. Eles o levavam a sério, mas sempre observavam além do seu linear significado literal. Eles perceberam que a Bíblia – além de tudo mais que era para eles

– estava cheia de metáforas sutis e de alusões, que utilizava jogos de palavras e outros instrumentos literários, que falava às vezes satiricamente e que a sua poesia não poderia estar sujeita a uma abordagem simples. Eles concordavam sem constrangimento que se podia discordar sobre o que a Torá queria dizer, e sobre esse sensato princípio nós mesmos deveríamos basear nossa abordagem ao texto.

Mito e lenda

O leitor deve ainda compreender que a Torá contém uma vasta variedade de material: leis, narrativas, história, contos, canções, provérbios, poesia e, especialmente nas primeiras partes do Gênesis, mitos e lendas. Por “mito” se entende um conto envolvendo seres humanos e poderes divinos, um conto que foi entendido como tendo acontecido e que, por sua existência, expressava, explicava ou validava aspectos importantes da existência. Assim, o mito do Éden explicava a origem da morte e validava, para a tradição cristã, o conceito da peccaminosidade inerente da humanidade e a necessidade de salvação. Por “lenda” se entende uma saga do passado, amplificada pela memória popular, que geralmente nada validava ou explicava. As proezas de Jacó no poço (Gênesis 29:10) são dessa categoria. Conforme a Torá se desloca da criação do mundo para a criação do povo de Israel, os elementos míticos dão cada vez mais lugar à lenda e esta, por sua vez, à história no sentido moderno.²

Ao observar tais distinções, o leitor da Bíblia não deve, no entanto, se enganar em dispensar o mito e a lenda como “irrelevantes” e aceitar somente a história como “relevante”. O que normalmente passa para a história não é um acurado registro científico dos acontecimentos, mas uma interpretação deles – supondo que alguém saiba o que algum evento “realmente” foi. O melhor dos historiadores modernos é um intérprete, um sumarizador seletivo, um comentarista e, frequentemente, um filósofo que traz um ponto de vista sobre a matéria. Isto é precí

¹ Ver adiante “Texto e tradução”.

² Apesar de haver mitos no Gênesis não há nenhuma mitologia, ou seja, não há nenhum conto sobre as aventuras dos deuses (ou de Deus). O fragmento em Gn 6:14 é a única exceção. O Gênesis

não está preocupado com a história do reino divino, mas com o surgimento da humanidade; o drama se passa não em um palco sobrenatural, mas na terra. Além disso, a história possui um tema de rebelião, pecado e potencial redenção.

Plaut: um livro para a vida toda



Os 5 livros

*Textos de introdução
e contextualização
para cada uma das
5 partes da Torá*

Torá é o nome dos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio

Introdução ao Gênesis

W. GUNTHER PLAUT

O nome

O nome Gênesis ("origem") vem da tradução grega, a Septuaginta, enquanto o nome hebraico usual é a palavra inicial do livro, בְּרֵאשִׁית (*Beresbit*). Outros títulos foram ocasionalmente utilizados, como *sefer briat baslam*, mas não tiveram grande aceitação.

Conteúdo

O Gênesis narra uma história que vai desde a criação do mundo até a morte de José no Egito. A primeira parte (caps. 1-11) aborda a história universal, além das vidas dos ancestrais e de suas famílias. O tempo total decorrido desde o início chega a 1.946 (ou 1.948) anos.

O livro é um conto de criações. No início, Deus é descrito como criador do céu e da terra e de tudo o que eles contêm. A coroação dessa criação é o ser humano, que deve ajudar Deus a aperfeiçoar o mundo. Para conseguir isso, a humanidade é dotada de liberdade intelectual e moral – um dom prontamente utilizado para desobedecer a determinação do Criador. A consequência é o exílio da inocência do Éden e o desenvolvimento da raça humana.

Mas seu amor à violência é um profundo desapontamento para o Criador, que então destrói o mundo e começa de novo com Noé e sua família. O resultado não é melhor: a nova existência da humanidade começa com abuso de álcool e perversão sexual. Mais uma vez Deus está decepcionado, e por causa da promessa di-

vina de não erradicar a humanidade novamente, Deus vai trabalhar com ela e nela a fim de levá-la à perfeição final. Tal trabalho começa com a escolha de Abraão e Sara para empreender essa tarefa, ao gerar um povo que, com o tempo, irá se tornar o colaborador de Deus. As histórias dos antepassados e da descida de seus clãs para o Egito falam das preparações que levam à criação do povo de Deus, o povo de Israel – assim chamado a partir de Jacó-Israel, o último dos três patriarcas. No Egito, Israel será criado como uma nação, e o Livro de Êxodo depois falará da formação dessa nação: na escravidão e na libertação, no Sinai e no deserto.

O Gênesis é, assim, a introdução à Torá e ao restante da Bíblia. Além de seu impulso básico, contém um número de subtemas que estão interligados à história principal. Entre eles estão a unidade básica de toda a humanidade, sua propensão para o mal, a rebelião humana e o pacto entre Deus e os descendentes de Abraão e Sara. Por último, mas não menos importante, há o pressuposto de que todos os seres humanos derivam de um ancestral comum, o que equivale a dizer que o Gênesis concebe a humanidade como uma única espécie, sem raça ou grupo linguístico superior a qualquer outro. Na verdade, na tábua das nações (cap. 10) Israel desempenha um papel muito secundário. Ele ascenderá apenas porque Deus o irá escolher para realizar uma função especial – não porque possui características intrínsecas como parte de suas origens nacionais.

O diferencial da abordagem do Plaut sobre Gênesis está na ênfase na relação dinâmica entre Deus e a humanidade. Ele apresenta a criação não como um ato isolado e definitivo, mas como o início de uma jornada na qual Deus interage continuamente com os seres humanos, ajustando seu plano conforme as ações e escolhas deles. Em vez de uma visão determinista, Gênesis, segundo Plaut, revela uma história de aprendizado mútuo entre Deus e o homem, onde Deus faz concessões, muda estratégias e busca constantemente um equilíbrio entre justiça e misericórdia. Essa leitura humanizada destaca que o texto não é apenas um relato teológico, mas também uma narrativa da evolução moral e ética da humanidade.

O Êxodo e a Literatura do Antigo Oriente Médio

WILLIAM W. HALLO

Os problemas literários colocados pelas histórias do Êxodo são bastante diferentes daqueles do Gênesis. Ali nós lidamos com três unidades literárias distintas, entretecidas juntas a partir de fontes separadas. A história primordial dos humanos na terra (Gn 1-11) reflete uma tradição mitológica compartilhada com a Mesopotâmia e outras partes do antigo Oriente Médio. As narrativas patriarcais (Gn 12-36) representam um bloco de lendas de “contos de origem” não históricos, que pretendem transmitir a essência de uma variedade de tradições locais associadas aos santuários e a outros “lugares e pontos turísticos” da Síria e da Palestina. A história de José (Gn 37-50) foi um elo fundamental entre Patriarcas e Êxodo, ampliado em extensa narrativa elaborada numa cena e num cenário ostensivamente egípcios. Nenhuma das três unidades poderia ser qualificada como autênticos registros históricos, embora juntas elas consagrem a maneira que um unido Israel posterior escolheu para responder a si mesmo sobre seu pretendido passado.¹

Na obra que hoje conhecemos como o Livro de Êxodo, por outro lado, devem ter sido depositadas algumas reivindicações de ser uma crônica dos acontecimentos históricos, da história “como realmente aconteceu”. Os eventos registrados no Êxodo estavam muito mais próximos no tempo em relação ao artista que nos deu o livro

terminado do que aqueles do Gênesis. Além disso, eles possuem uma relação muito mais decisiva com a própria época do autor, qualquer que seja a data exata a ele atribuída. Um Israel unido é dificilmente concebível sem a memória compartilhada do Êxodo (ou de um êxodo) precedendo a conquista de Canaã. E o Êxodo, por sua vez, pressupõe a permanência prévia no Egito e as subsequentes deambulações pelo Sinai. O Gênesis se move no reino do mito, da lenda e da narrativa – a formulação do que *podé* ter sido, a seleção quase aleatória de uma ou mais explicações para o estado atual das coisas, em termos de suas possíveis origens e de seus estágios subsequentes escolhidos, contada de preferência sob a forma de detalhes biográficos associados a indivíduos paradigmáticos. Agora nós deixamos aquele reino para trás e nos movemos em direção ao que *deve* ter sido: a organização necessária das tradições grupais em uma sequência significativa de eventos que pode responder pela consciência atual do grupo de seu destino coletivo. Essa consciência pode ser simbolizada na expressão original “os filhos de Israel” em 1:9 (já traduzido como “o povo israelita”). Embora posta na boca do Paraó, ela conclui “a sutil transformação das biografias pessoais dos patriarcas nas histórias étnicas das várias tribos, um processo no qual os doze epônimos filhos de Jacó se tornam a entidade coletiva conhecida na Bíblia como ‘os filhos de Israel’.”²

¹ Cf. *BP* para muitos detalhes bibliográficos e exemplos textuais sobre os pontos afirmados aqui.

² W.W. Hallo, “Biblical History in its Near Eastern Setting: the

Contextual Approach”, *SIC*, p. 17; cf. A. Malamat, “The Proto-History of Israel – a Study in Method”, in *The Word of the Lord Shall Go Forth: Essays in Honor of David Noel Freedman in Celebration*

O Êxodo e a Literatura do Antigo Oriente Médio fazem a comparação entre a narrativa bíblica com outras histórias antigas. Esse é um dos pontos em que a Torá Plaut se diferencia: enquanto outras culturas registravam histórias fragmentadas, a Torá constrói uma continuidade histórica e espiritual, dando um significado especial aos eventos narrados.



Clique para assistir o vídeo sobre a estrutura do livro

Plaut: um livro para a vida toda



Leituras semanais

*Uma introdução a
cada uma das leituras
semanais do ritual
sinagoga judaico*

Estrutura histórica e genealógica – o Plaut não apenas narra o evento do dilúvio, por exemplo, mas o insere dentro de uma genealogia e continuidade histórica, conectando a humanidade antes e depois do evento. O capítulo dez, que menciona as nações, mostra a visão da Torá sobre a descendência e a dispersão dos povos, algo raro em textos antigos.

Noach

נח

Gn 6:9-11:32

As linhagens do céu, da terra e da humanidade primitiva, *continuação*

Quando a *sídrá* começa, os seres humanos tendem todos a viver várias centenas de anos. Mas o Eterno acaba de decidir "varrer da face da terra" todas as criaturas. Essa decisão veio em função da grave e imoderada malficitoria dos seres humanos ("violência") como administradores do planeta, embora a natureza exata do mal não seja claramente indicada. Ao mesmo tempo, Deus está inclinado a se mostrar favorável a certa família da décima geração de seres humanos: Noé, que já está agora com mais de 500 anos. Noé em breve será avisado da vinda de um dilúvio.

O DILÚVIO (6:9-8:14)

Muitas diferentes culturas contam histórias sobre um grande dilúvio. Foi sugerido que elas evocam uma catástrofe global causada ou por uma erupção terrestre ou por uma colisão celeste, que pode ter resultado em um aumento do nível do mar suficiente para cobrir todos os continentes. Investigações científicas recentes demonstraram que, em algum momento próximo à transição entre a pré-história e a história, as águas do Golfo Pérsico podem ter coberto a parte sul do vale da Mesopotâmia.

Mas o relato bíblico é muito mais do que memória pré-histórica ou uma variante de antigas lendas folclóricas; ele é, acima de tudo, uma história com uma moral. Seus temas são o pecado, a justiça e a segunda oportunidade de a humanidade viver de acordo com, em vez de contra a, vontade de Deus.

Há concordância em muitos detalhes entre a história bíblica e outras histórias de dilúvio do Oriente Médio – uma arca, o corvo, a pomba – mas há diferenças fundamentais na abordagem (sobre a história do dilúvio na literatura do antigo Oriente Médio, ver p. 8). Na Bíblia, é o pecado humano que causa o dilúvio; no épico acadiano-babilônico de *Atrabasis*, a turbulência e o barulho da humanidade perturbam o sono dos deuses e os fazem reagir. Na Bíblia, Noé é salvo para que possa começar a jornada humana novamente; no *Gilgamesh*, o herói do dilúvio é elevado à condição de imortal e, assim, removido da história humana. E o mais importante: na Torá, Deus institui a lei como uma força oposta à maldade humana, enquanto em outras tradições do Oriente Médio uma tal resposta divina está ausente.

DEPOIS DO DILÚVIO (8:15-9:29)

Com o fim do dilúvio, a humanidade começa mais uma vez a enfrentar os problemas da existência. É assegurado que Deus não irá "destruir todos os seres vivos" (Gn 8:21) novamente e que esta é uma ordem imutável que a vontade de Deus não reverterá. O arco-íris é visto como a assinatura de Deus à promessa divina, e a descendência de Noé parte para repovoar o mundo.

AS NAÇÕES (10:1-32)

O capítulo 10 é uma visão geral das nações conhecidas pela tradição bíblica. Seu enquadramento ainda é

universal; depois, seu foco se concentra em direção ao seu tema principal: o surgimento de uma família e do povo que descenderá dela. A tabela das nações é, portanto, mais do que um catálogo de nomes; é o plano de fundo para a história a seguir.

O FIM DA PRÉ-HISTÓRIA: BABEL E DEPOIS (11:1-26)

A história da torre de Babel, interrompendo o catálogo das nações iniciado em cap. 10 e prosseguido em 11:10, está entre o quadro universal da humanidade e a lista específica de famílias das quais Terach, Abraão e sua linhagem surgirão.

A história tenta responder a duas perguntas. De onde veio a variedade de línguas? Como as pessoas se dispersaram e povoaram o mundo? Estas questões não foram cogitadas no cap. 10. Ao se dispor a respondê-las, a Torá nos traz uma tradição específica, que deve ter existido independentemente da tábua de nações, pois a história

de Babel apresenta toda a humanidade vivendo dividida em uma pequena área. Essa unidade de linguagem e de ambiente termina porque a rebelião humana traz mais uma vez o julgamento de Deus.

Apesar de existir uma história suméria sobre a confusão das línguas, nenhuma narrativa paralela foi até agora encontrada em registros do Oriente Médio que nos permitisse o tipo de comparação e contraste pelos quais o propósito bíblico da narrativa do dilúvio é visto em alto-relevo (ver p. 9).

Estudiosos da Bíblia de modo geral acreditam que a seção de abertura do Gênesis que aqui se conclui esta va originalmente separada dos ciclos patriarcais que se seguem. A junção de pré-história e história (no seu sentido mais amplo) oferece aos editores bíblicos a oportunidade de mostrar a ascensão de Abrão e Sarai e seus descendentes no contexto completo dos planos de Deus para a humanidade.

A linhagem de Terach: Abraão

Aqui começa uma unidade literária que se estende até 25:18; ver uma discussão mais completa às pp. 88-89. Embora esse ciclo de histórias seja mais conhecido por seu foco no filho mais velho de Terach, Abrão (Abraão), ele é na verdade designado, no texto, como "linhagem de Terach". Além de Abrão e seus dois filhos, outros descendentes diretos de Terach também figuram neste ciclo como personagens atuantes: Sarai, Lot, duas das filhas de Lot (cujos nomes não são fornecidos), Betuel, Labão e Rebeca. A Torá o considera como um ponto chave em que todos esses personagens são ligados a um ancestral comum.

A FAMÍLIA E A JORNADA DE TERACH (11:27-32)

Esta passagem de abertura relata a genealogia do patriarca Abrão (Abraão) e então narra a história da migração da família para Charan. Esta cidade – cujo nome significa "estrada" ou "encruzilhada" – estava localizada no noroeste da Mesopotâmia. Era lugar de cruzamento de estradas importantes e um centro do culto dedicado ao deus-lua Sin (uma grande coleção de registros hurrianos encontrados em 1925-1931 nas ruínas da cidade de Nuzi diz muito sobre a vida e a lei da região). Charan teve um importante papel na história antiga.

Plaut: um livro para a vida toda



Capítulos dos profetas

*Os capítulos dos profetas
associados a cada uma das
leituras semanais do ritual
sinagoga judaico - em
hebraico e português*

O autor desconhecido desta passagem (muitas vezes referido como "Deutero-Isaías") se dirige a pessoas que há décadas votaram como exiladas na Babilônia (século VI aec.). O profeta pregava a confiança inabalável em um Deus que com certeza restauraria Israel em sua terra natal.

Esta é a sétima das sete "haftarot de consolação" lidas em dias consecutivos de Shabat entre Tisbi BeAv e o Rosh HaShaná (ela é sempre recitada no Shabat antes de Rosh HaShaná). Com o novo ano às mãos, a haftará retrata o amanhecer de uma nova era para os exilados de Israel.

61:10] Eu me alegro grandemente no Eterno,
todo o meu ser exulta em meu Deus,
que me vestiu de triunfo,
e me envolveu em vitória,
como um noivo cuja cabeça se adorna,
como uma noiva que se enfeita de joias.
11] Pois como a terra aflora as suas flores,
e os jardins florescem a primavera,
assim o Deus Eterno
fará brotar uma vitória gloriosa
diante de todas as nações.

62:1] Pois por amor a Tzion Eu não mantere
silêncio,
por amor a Jerusalém, Eu não ficarei quieto
até sua vitória brilhar como uma chama,
e seu triunfo, como uma tocha ardente.

2] As nações verão sua libertação,
todo governante verá a sua glória;
e você será chamada por um novo nome,
um nome dado pelo Eterno.

3] Você será uma coroa de beleza na mão do
Eterno,
um diadema real na palma do seu Deus.

4] Nunca mais será chamada *Abandonada*,
nunca mais sua terra será dita *Deserdada*.
Pois seu nome será *Meu Deleite está Nela*,

62:4] *Abandonada*. Uma metáfora para o exílio de Israel.

סא 10 שוש אָשִׁישׁ כְּיִהְיֶה
תְּגַל נַפְשִׁי בְּאֵלֹהֵי
כִּי הִלְבִּישָׁנִי בְּגָדֵי-יְשׁוּעָה
מֵעִיל צְדָקָה וְעָטָנִי
בְּחַתָּן יִבְהֶן פָּאֵר
וּכְפֹלֶה תַעֲבֹדָה כְּלִיָּהּ:
11 כִּי כַּרְצֵץ תּוֹצִיא צְמִחִים
וּכְגִנָּה וְרִיעִיָּה מִצְמִיחִים
כֵּן אֶרְוֶנִי יְיָהוָה אֱלֹהֵימִי
בְּצִמְחֵימֵי צְדָקָה וּתְהִלָּה
נִגְדֵי כָּל-הַגּוֹיִם:

סב לְמַעַן צִיּוֹן לֹא אֶחְשֶׁה
וּלְמַעַן יְרוּשָׁלַם יִרְשָׁלַם לֹא אֶשְׁקוּט
עַד-יֵצֵא כְּגִלְגָל צְדָקָה
וּיְשׁוּעָתָה כְּלִפְיֵי יְבָעָר:
2 וְרָאוּ גוֹיִם צְדָקָתְךָ
וּכְלִי-מִלְכִים כְּבוֹדְךָ
וְקָרָא לְךָ שֵׁם חֲדָשׁ
אֲשֶׁר פִּי יְהוָה יִקְבְּרוּ:
3 וְהָיִיתָ עֲטוּתָה תְּפָאֶרֶת בְּיַד-יְהוָה
וּצְנִיף מְלוּכָה בְּכַף-אֱלֹהֵיךָ:
4 לֹא יִקְרָא מֵעַתָּה לְךָ עֲזוּבָה
וּלְאֶרֶץ לְךָ לֹא יִקְרָא עֲדָה שְׂמָמָה
כִּי לְךָ יִקְרָא חֲפְצֵי-יְהוָה

Esta página contém a Haftará para Nitsavim - um trecho do profeta Isaías (61:10-63:9) que é lido em sinagogas. A passagem fala sobre redenção, justiça e a restauração de Israel.

e sua terra se chamará *Casada*,
porque Deus se deleita com você,
e sua terra se casará.

5] Como um homem jovem se casa com uma
jovem mulher,
assim seu Criador se casará com você.

E como um noivo se alegra com sua noiva,
assim seu Deus se alegrará com você.

6] Sobre as suas muralhas, ó Jerusalém,
coloquei sentinelas.

Elas não silenciarão dia ou noite.

Anunciarão o Eterno
e jamais descansarão.

7] Mas tampouco Deus descansará,
até [Jerusalém] ser restaurada,

e que Jerusalém por Deus se faça o louvor de
toda a terra.

8] O Eterno jura

com toda a força e todo o poder divinos:

nunca mais Eu darei seu novo grão como ali-
mento aos inimigos,

jamais os estrangeiros beberão seu vinho novo,
pelos quais vocês trabalharam.

9] Mas os que os colheram
comerão e louvarão o Eterno;

os que os recolheram
beberão em Minhas cortes sagradas.

10] Passem, passem por esses portões!

Limpem um caminho para o povo!

Construam, construam uma estrada; retirem as
pedras;

וְלֹא־רָצָה בְּעוֹלָהּ

כִּי־חָפֵץ יְהוָה בָּהּ

וְאֶרְצָהּ תִּבְעַל:

6 כִּי־בָעַל חֲדוּר בְּתוֹלָהּ

יִבְעֲלוּהָ בְּנֵיהָ

וּמִשׁוֹשׁ חֲתָן עַל־בְּלֵהָ

יִשֵּׁשׂ עַל־יָדָהּ אֱלֹהֶיהָ:

6 עַל־חֲדוּמֹתֶיהָ יִרוּשָׁלַם יְרוּשָׁלַם

הַפְּקֹדֹתַי שְׁמַרְיִים

כָּל־טַיִם וְכָל־הַגִּזְלָה תָּמִיד לֹא יִחַשׂוּ

הַפּוֹנְדִים אֶת־יְהוָה

אֶל־דְּמֵי לֶבָם:

7 וְאֶל־תַּתְּנֵנּוּ דְמֵי לֹ

עַד־יִכּוֹלֵן

וְעַד־יִשָּׂיִם אֶת־יְרוּשָׁלַם יְרוּשָׁלַם תְּהִלָּהּ

בְּאֶרֶץ:

8 וְשָׁבַע יְהוָה

כִּי־מִיָּנֹה וּבִרְוֹעַ עָוֹן

אֶם־אֶתֶּן אֶת־דִּגְגָהּ עוֹד מִאֲכָל לֶאֱיִבוֹ

וְאִם־יִשְׁתֶּה בְּנֵי־גִבּוֹר תִּירוּשָׁף

אֲשֶׁר יִגְעַת בּוֹ:

9 כִּי מֵאֶסְפִּי

יֹאכְלוּהוּ וְהִלְלוּ אֶת־יְהוָה

וּמִקְבְּצָיו

יִשְׁתְּחוּ בְּחִצּוֹת קֹדְשָׁי:

10 עֲבְרוּ עֲבְרוּ בְּשַׁעְרֵים

פָּנוּ דְרָךְ הַעַם

סֹלוּ סֹלוּ מִמִּסְלָה סֹקְלוּ מֵאֲבָן

הָרִימוּ גַם עַל־הַעֲמִים:

4] Sua terra se chamará Casada [...] se casará. Com base em lin-
guas afins, outros sugerem: "será chamada *Fertilizada* [...] será
fértil".

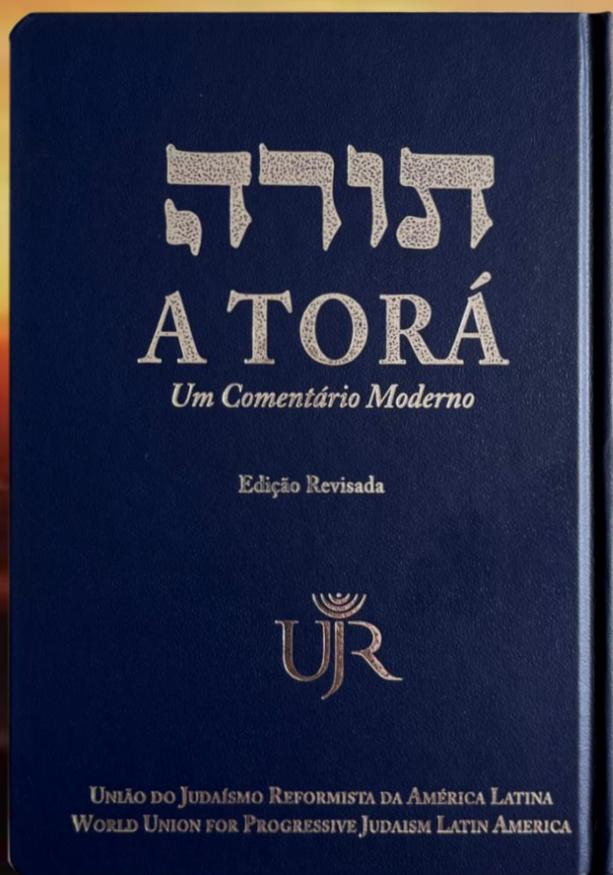
5] Seu Criador. Vocalizando בְּנֵי (*banaiáh*, seus filhos) como בְּנֵי
(*boned*): "o que constrói (ou reconstrói) você".

6-7] Anunciarão o Eterno / e jamais descansarão. / Mas tampouco
Deus descansará. Ou, lendo a passagem à luz do que se segue:
"Vocês que se lembram do Eterno - / jamais descansem! / Nem
deixem Deus descansar".

10] Passem. Para anunciar as boas novas a todos.

Essa haftará, que é lida
perto de Rosh Hashaná,
reforça a ideia de que a
história tem um
propósito, e que a
conexão com Deus traz
redenção e renovação,
algo que diferencia a
visão da Torá de outras
tradições antigas.

*Obrigado por nos dar
a oportunidade de te
apresentar uma amostra
desta obra sem igual!*



Garanta agora sua Torá Plaut e
receba em casa um dos livros mais
ricos e completos do mundo!

Compre seu Plaut aqui